

Próprio 27 – 22º Domingo de Pentecostes – Ano B

1ª leitura (Antigo Testamento) – I Reis 17.8-16

1º comentário:

O profeta Elias tem destaque dentro da obra Deuteronomística (Js; Jz; 1 e 2 Sm, 1 e 2 Rs) por ser praticamente o primeiro a denunciar publicamente os desmandos dos governantes de Israel. Elias buscou desmascarar o sistema teológico-político sustentado pelo rei Acab, a rainha Jezabel e seus filhos (Reis de Israel – norte). A denúncia do profeta Elias parte do lugar social do mais fracos: agricultores assassinados e despojados como Nabot (1 Rs 21:1-16), viúvas e órfãos dentro dos quais se encontram os protagonistas do texto deste domingo.

Neste caso trata-se de um viúva de Serepta, isto é, uma viúva e estrangeira. Este caso é dado como exemplo no Evangelho segundo Lucas: *“Muitas viúvas havia em Israel nos dias de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses e houve uma grande fome por toda a terra. Mas Elias não foi enviado a nenhuma delas senão a uma viúva em Serepta de Sidônia”* (Lc 4: 25-26). Em termos de hoje esta seria uma mulher triplamente discriminada: por ser mulher, por sua etnia e cultura e por ser pobre.

Mas porque uma mãe pobre e estrangeira e porque essa seca anunciada por Elias? A divindade usada por Acab e Jezabel para justificar seus assassinatos e sua exploração era *Baal*, cujo tradução literal é *Senhor* ou *Patrão*. *Baal* era uma divindade dos poderosos que representava justamente o poder das chuvas que no clima semidesértico palestino significa a fonte da vida. Elias vai procurar uma adoradora de *Baal* já que em Sidônia ou Fenícia (especialmente em Ugarite) estava a sede da adoração destas divindades. Pois ali *Baal* não estava ajudando os pobres, só Javé era uma divindade solidária com os pobres! Onde estava a divindade dos poderosos? Javé era o único Deus capaz de fazer chover na horta das pessoas mais pobres, de garantir alimento sem fim e até de lhes devolver a vida (v.17 em diante).

O Evangelho para este domingo mostra o contraste entre a opulência e ostentação dos escribas e a humildade e generosidade da viúva que, como aquela de Serepta, mesmo tendo muito pouco não excitou e compartilhar o que tinha. Qual é o Deus que transparece nas nossas atitudes a divindade dos poderosos sempre santificando seus interesses ou o Deus de Elias e de Jesus, que exalta às pessoas humildes? (HMG).

2º comentário:

Deus envia o profeta Elias para conviver com uma viúva pobre e pagã. Ela não fazia parte do povo da Aliança. Ela era de Sarepta, região da Sidom. Talvez conhecesse muito pouco da religião de Israel, tanto é que na primeira frase que ela dirige a Elias, refere-se a Iahweh como “teu Deus”. Ela não era uma seguidora de Iahweh. Para os rígidos padrões israelitas, aquela mulher era uma total excluída: por sua pobreza, por sua situação marital e por sua

religião. Que Deus estranho esse que adoramos: para formar um profeta, o envia a conviver com uma viúva pagã.

Mas apesar de marginalizada, pobre e pagã, aquela mulher excluída conservava ao menos uma qualidade que muitos israelitas não conservavam: a partilha e a capacidade de reconhecer o apelo e Deus em Elias. Em outras palavras, o ideal da aliança, vivido no passado, não estava totalmente perdido, pois estava sendo conservado pelo povo pobre, oprimido, excluído e marginalizado. E o mais surpreendente: um povo que não conhecia a Aliança.

Ao aproximar-se da viúva, faminto, Elias lhe pede água e um pedaço de pão. Mas ela responde que não tinha nem isso. Tudo o que havia na sua despensa era um punhado de farinha e um pouco de azeite, o suficiente para preparar algo para ela e seu filho, e depois esperar a morte. Elias a desafia a preparar três pãezinhos para dividir entre eles. Talvez aquela mulher tenha pensado: que doido é esse? Mas o surpreendente é que, sem considerar a sua precariedade, ela assim procedeu, e o texto afirma que a vasilha de farinha não se esvaziou e a jarra de azeite não acabou.

Foi com este povo que Elias faz seu aprendizado. Durante três anos não exerceu nenhuma atividade profética em Israel. Apenas conviveu com aquela viúva que nem sequer pertencia ao povo de Deus. Intercedeu pelo seu filho e descobre que o mesmo Deus que ouvira o clamor dos pobres no Egito, continuava a atender ao clamor dos pobres em seu tempo. No fim daquele aprendizado prático e existencial, Elias pôde receber o verdadeiro diploma de profeta, um atestado não escrito com belas letras num papel caro, mas a comprovação que veio da boca dos pobres. A viúva lhe diz: "Agora, sim, eu sei que és um homem de Deus e que Deus fala verdadeiramente por tua boca". Com este atestado, Elias está pronto para iniciar sua missão. E o êxito de sua missão já não dependia de que os reis ou os poderosos o reconhecessem como profeta e enviado de Deus, mas que os pobres o reconhecessem como tal. (CEBC).

Epístola – Hebreus 9.24-28

Neste recorte, o foco da atenção está no acesso do nosso Sumo Sacerdote à presença de Deus e com Ele todos nós no santuário de Deus. O autor trabalha aparentemente com a visão platônica de que as coisas terrenas são cópias imperfeitas das celestiais. O foco da metáfora está no que acontecia no Dia da Expição, quando, anualmente, o Sumo Sacerdote entrava no Santo dos Santos com a oferenda de sangue, em seu favor e pelo seu povo. Por isso, ele estabelece contrastes importantes. Jesus não entrou no santuário feito pela mão humana, mas entrou no céu. O céu é a metáfora da presença de Deus. Além do mais sugere uma vastidão, universalidade, onde Ele se apresenta em nosso favor. Como foi dito várias vezes, a oferenda do verdadeiro Sumo Sacerdote foi sua vida voluntariamente, em favor de todos. E não só isso, mas uma vez por todas, (7.27;9.12; 10.10 epaphax), sem a necessidade de repetir a morte da cruz (sofrer, vs.26). É um ato escatológico de Deus, no fim dos tempos, para aniquilar o pecado (singular no original grego).

Há duas sugestões importantes do recorte. (1) A purificação que a oferenda sacrificial que Cristo efetuou está localizada na área dos atos, da conduta e relacionamento que levam à morte, e não nas coisas externas como

o templo, edifício, utensílios, comidas e bebidas. (2) Todos em Cristo têm igual acesso ao Santo dos Santos, com ele, nele e por ele somos como na figura de Apocalipse 22.4. É uma afirmação eloqüente do Ministério de todo o povo com funções diferenciadas. (ST)

Santo Evangelho: Marcos 12.38-44

Um escritor místico americano disse há algum tempo atrás que o maior mal de nosso tempo era a superficialidade. Hoje, cada vez mais encontramos pessoas que se satisfazem com meias verdades ou mesmo a aparência de verdade. Já se disse que na política era mais importante *parecer* do que *ser* honesto. Outro dia ouvi alguém perguntar se existe vida inteligente na universidade brasileira... Me parece que o grande problema de que fala aquele místico é uma realidade entre nós também. Cada vez mais encontramos psicanalistas que nunca leram Freud e marxistas que sequer viram *O Capital*. Na esfera religiosa não é diferente. A Bíblia é um livro desconhecido para boa parte dos sacerdotes e pastores. Uma pena!

No texto deste domingo Jesus faz uma série de críticas sobre os escribas justamente por causa de sua visão superficial das coisas espirituais. Eles entendiam que o filho de Davi seria um rei temporal senhor de um potentado terreno superior ao de seu pai. Jesus contra-argumenta dizendo que esta não era a intenção de Deus (v. 36). O Messias não seria um filho de Davi no sentido de ser um sucessor no senhorio temporal, e sim o Senhor do próprio Davi, exaltado à destra de Deus.

Em função desta leitura Jesus apresenta as grandes obsessões dos escribas. Toda sua superficialidade se revelava nas escolhas e nos gestos que faziam. Neste texto Jesus condena a superficialidade dos escribas porque elas revelam no mínimo três características:

Em primeiro lugar, Jesus condena a superficialidade porque ela se contenta com a ostentação. Os escribas eram pessoas que gozavam de um enorme prestígio no mundo religioso. O que é interessante de se perceber é que embora as grandes religiões defendam uma atitude sóbria e humilde, elas são também espaços privilegiados para o surgimento da soberba e da arrogância. As roupas e os paramentos ocupam um espaço importante na distinção entre os mais e os menos importantes na esfera religiosa. Os escribas sabiam disso e faziam questão de se vestirem de forma impecável para as atividades no templo. Claro que a roupa em si não é nada, mas ela era o sinal que apontava a existência de algo muito mais sério: a soberba. As pessoas superficiais são geralmente soberbas e apegadas aos atavios externos. Talvez como forma de compensação do vazio interior os paramentos luxuosos acabam por suprir a ausência de profundidade.

Em segundo lugar, Jesus condena a superficialidade porque ela se contenta com as palavras. Sabemos que quando falta força no argumento se usa o argumento da força. A retórica, desde sempre, tem sido usada para suprir a ausência de um argumento mais profundo e uma razão mais rigorosa. Os escribas eram pessoas que usavam de todo o recurso retórico para expor suas falácias e apresentar seus erros lógicos. Tudo de tal forma que os incautos transeuntes se davam por satisfeitos. As mais esdrúxulas interpretações das Escrituras eram feitas e defendidas com uma peroração

profusa de adjetivos e de um linguajar empolado. Tudo isso porque as pessoas superficiais não resistem ao pecado do exibicionismo. Além deste pecado, havia também a hipocrisia que estava presente em suas orações, que eram apenas peças de retórica diante de Deus e não o suspiro de uma alma oprimida.

Em terceiro lugar, Jesus condena a superficialidade porque ela se contenta com o espaço físico. Os escribas se julgavam superiores aos demais mortais. Esta pretensa superioridade moral deveria vir acompanhada de gestos concretos de superioridade. E um destes gestos concretos era justamente a ocupação de lugares privilegiados em todos os espaços públicos. Além de se vestir com ostentação e de falar bonito, as pessoas superficiais adoram se assentar em lugares destacados. Elas estão apenas preocupadas em “parecer” e não em “ser”.

O contraponto desta atitude nos é dada por Jesus na figura de uma pobre viúva que, por ser viúva, não se vestia com luxo, a ninguém dirigia a palavra e não podia se assentar nos lugares de honra. Ela, porém, possui uma característica que falta nas pessoas superficiais: a autenticidade no compromisso. Ela, segundo Jesus, deu mais do que todos ali presentes porque deu tudo o que tinha. Seu compromisso em dar não era um compromisso superficial. Ela estava envolvida com toda sua vida no desejo de dar e tamanha era seu compromisso que deu tudo.

Diante do exemplo desta viúva resta-nos perguntar: estamos comprometidos apenas com as aparências de uma vida cristã ou temos mesmo um compromisso com a profundidade de uma vida cristã que nos pede por inteiro? (JLFA)